

## **TROCAS NA INTERNET COM ‘ESPAÇOSTEMPOS’ CURRICULARES**

**CALDAS**, Alessandra da Costa Barbosa Nunes – UERJ

**ANDRADE**, Nivea Maria da Silva – UERJ

**CORDEIRO**, Rosangela Lannes Couto – UERJ

**GT-12: Currículo**

**Agência Financiadora:** FAPERJ e CAPES

*O que faz mais produtiva esta concepção da interculturalidade é a sua intrínseca relação com a idéia da identidade narrativa, isto é, que todo identidade se gera e se constitui no ato de narrar-se como história, no processo e na prática de contar-se aos outros<sup>1</sup>*  
(BARBERO, 2007, p.6)

A proposta deste texto é a de investigar, através do *uso* de um Jornal Eletrônico, vinculado a um Programa de Pós-graduação em Educação, a relação dos usuários/professores/pesquisadores com as novas tecnologias utilizadas na difusão do conhecimento científico.

Este Jornal vem colocando à disposição de professores das redes públicas os resultados de pesquisas em desenvolvimento tomando como ponto de partida a idéia de redes de conhecimentos e significações tecidas em trocas sociais múltiplas. Vimos assim, a partir da formação de dois grupos de usuários do Jornal, em duas escolas municipais de uma grande cidade, desenvolvendo o acompanhamento das ‘leituras’ feitas pelos professores de textos e imagens presentes nas diversas edições do Jornal, bem como, da produção/contribuição que dão ao mesmo em duas seções criadas para isto. As trocas entre o grupo de pesquisa e os grupos de usuários ocorrem pela participação conjunta em um ‘grupo de conversa’, via internet, pelo uso dos espaços do Jornal dedicados ao leitor e, em reuniões periódicas (bimestrais) presenciais, nas escolas envolvidas. O intuito do Jornal Eletrônico é romper a barreira simbólica entre os conhecimentos e da dicotomia que separa criadores e usuários, usando a Internet como uma possibilidade de mudar o modelo de comunicabilidade entre a universidade e a escola fundamental, desenvolvendo uma prática dialógica, recriando a proximidade e acompanhando as práticas curriculares dos *espaçostempos*<sup>2</sup> envolvidos. Neste processo, ressaltamos o trabalho com imagens, o respeito aos cotidianos como *espaçostempos* de

---

<sup>1</sup> Tradução feita por uma das autoras deste texto.

<sup>2</sup> No grupo de pesquisa, o uso desses termos, como de outros, nessa escrita aglutinada tem o sentido de mostrar os limites que o modo dicotomizado da ciência moderna coloca às definições desenvolvidas.

invenção permanente de conhecimentos, na convicção de que os professores, nas escolas em que atuam, são grandes inventores.

Deste modo, a narrativa dos professores recebe uma atenção especial na medida em que, como propõe Martin-Barbero (em epígrafe), é constitutiva do que somos. Este autor chama atenção para a polissemia do termo *contar*, que significa contar história, contar para os outros e ser ‘tomado em conta’, já que para sermos reconhecidos é indispensável ‘contar’ o que somos.

O primeiro encontro com os professores da escola de 2º. Segmento trouxe uma experiência que nos permitiu pensar a relação dos professores de escolas fundamentais com os artefatos tecnológicos e com os meios de divulgação científica. Neste primeiro encontro, a professora coordenadora do projeto expôs aos professores a nossa posição sobre a relação dos docentes com os artefatos técnicos dizendo:

*precisamos pensar como os professores estão estabelecendo os seus próprios usos dos artefatos tecnológicos, além de romper a barreira entre a universidade e a escola fundamental, possibilitando que professores e pesquisadores de universidade e de escolas fundamentais tenham juntos os conhecimentos divulgados através do Jornal Eletrônico.*

Quase no final do encontro, uma professora de ciências perguntou à professora coordenadora: *o que você quer? O que você precisa?*

Foram apenas duas questões, mas que resumiram o sentimento de muitos professores de ensino fundamental em relação à universidade. Ao se dirigir à professora coordenadora enfatizando o “você” em detrimento do pronome “nós”, a professora de ciências explicitou uma interpretação de que o interesse e a necessidade daquela que representava ali a universidade eram distantes do seu próprio interesse e de sua necessidade. Ao mesmo tempo, a fala expressa que a universidade de alguma forma precisa da escola fundamental.

A professora coordenadora respondeu: *primeiramente, discutirei algumas de suas expressões. Eu não quero. Eu não preciso. Estamos convidando vocês para fazermos juntos este projeto* – e seguiu a explicação, defendendo a idéia de que os conhecimentos são tecidos em redes e que a participação devia significar a adesão de cada um que o desejasse.

A fala da professora coordenadora remete às metáforas da árvore e da rede tal como as vê Lefebvre (1983):

*numa árvore, o trajeto de um ponto a outro é obrigatório (coativo e único); passa inevitavelmente por esse e por aquele cume e pela hierarquia dos cumes. Define-se apenas por relações binárias (bifurcações, dicotomias etc.). Assim, o espaço é completamente ordenado. Em troca, as redes e semi-redes permitem múltiplos percursos para ir de cada ponta a cada ponto (e até mesmo um número ilimitado de percursos).<sup>3</sup>*

Para buscarmos compreender as relações entre nossas redes cotidianas de conhecimentos e valores com as tecnologias, será preciso ressaltar o surgimento de uma nova representação sobre como se tecem os conhecimentos – a rede. Esta constitui uma alternativa à idéia de que o conhecimento se “constrói” daquela maneira ordenada, linear e hierarquizada, por um único caminho obrigatório. Essa linearidade, essa ordem e essa hierarquização dão lugar a múltiplas concepções e a várias interpretações produzidas em vários contatos, e produzindo muitos caminhos possíveis. Na rede, os conhecimentos serão tecidos com pontes e fusões e não com os muros dos labirintos disciplinares. Nela é possível estabelecer

*múltiplos percursos para ir de cada ponto a cada ponto (e até um número ilimitado de percursos). A rede implica e permite uma racionalidade aguçada, mais “complexa”. A noção de complexidade, ou melhor, complexificação, [tem a ver com] a idéia segundo a qual o pensamento vai do complexo (analisado por redução) ao mais complexo (captado por re-produção), tal como a própria prática social. (...) Pode-se supor que, hoje, uma série de procedimentos analíticos envolvendo o espaço e suas “implicações técnicas vão se deslocar da árvore para a rede, inclusive a análise do espaço mental e social, do conhecimento, da linguagem, dos processos sociais, da realidade urbana. É de notar que se trata de espaços não completamente ordenados, ou seja, de estruturas semi-rigorosas (“lattices”), não estruturas rigorosas como crêem, ou parecem crer, os estruturalistas.” (LEFEBVRE, 1983).*

A construção anterior – representada pela metáfora da árvore - era e é ainda feita pelo desconhecimento de que, nos cotidianos, os sujeitos teciam e tecem conhecimentos em formas que podem ser identificadas pela metáfora da rede. Esses conhecimentos cotidianos (conhecimentos práticos/de uso receberam a denominação genérica de *senso comum*) e eram/são vistos como errados, sem valor, não sendo reconhecido neles a sua diversidade, multiplicidade, complexidade e necessidade ao ser humano.

---

<sup>3</sup> Ver nota 1.

A grande diferença introduzida por esta nova forma, está no critério dominante da mesma e cujo referencial básico é sua relação com a *prática social*. Por isso mesmo, encontramos, nos processos de criação dos conhecimentos, a unidade *prácticateoriaprática* que necessita ser escrita assim, e não na fórmula dicotomizada anterior teoria – prática, com precedência do termo ‘teoria’. O reencontro com o empírico, com os cotidianos, com os *usos* – diferente de mero consumo (CERTEAU,1994), vai ser entendido como necessário, permitindo a crítica e a busca de superação da linearidade hegemônica da construção anterior.

Nesse sentido, a linearidade e a hierarquização, componentes fortes da primeira forma de pensarmos os processos de criação dos conhecimentos, dão lugar, no presente, a múltiplas conexões e interpretações produzidas em zonas de contatos móveis, sendo necessário admitir a possibilidade de diversos caminhos para se criar conhecimentos. Desta maneira, as redes estão em toda parte, mas sem deixar pistas de onde começam ou terminam, porque não têm nem começo, nem fim. Sendo assim, voltemos a nossa narrativa:

*na semana seguinte, a mesma professora de ciências procurou a colega responsável pelo projeto naquela escola. Contou-lhe que leu alguns artigos do Jornal Eletrônico, mas que achava que não tratava da realidade escolar. A colega então, confirmou o convite:*

*Escreva sobre isso.*

*E lhe fez uma pergunta:*

*Quais artigos você leu?*

*Somente os dois que foram impressos e que estavam sobre a mesa dos professores.*

*A colega, então, sugeriu que lesse outros artigos do Jornal.*

*Passada outra semana, a professora de ciências retomou a conversa com a colega:*

*Escrevi um texto para o Jornal. Gostaria que você “desse uma olhada”*

*O texto começava como uma carta felicitando um dos autores do Jornal, que analisou um quadro cuja temática era a escravidão. No decorrer da escrita da professora, a estrutura textual deixou de ser uma carta e passou a desenvolver um ensaio sobre a própria pintura.*

A partir de um texto divulgado no Jornal, a professora se sentiu convidada a dialogar com a imagem referida expressando o que sabia a respeito do assunto, o que tem a ver com a sua formação intelectual, sua prática profissional e as diferentes relações e papéis que assume ou assumiu na sua trajetória pessoal, ou seja, com as múltiplas redes sociais – históricas, profissionais, pessoais - de que participa.

*Continuando a conversa, a colega informou à professora escritora que havia um computador na escola, e que poderia ser usado já que a professora entregou o texto à mão.*

*Você acha que devo mesmo usar? – perguntou a professora.*

*Respondendo afirmativamente, a colega ressaltou que para além de um direito, era um dever político ocupar espaços e estabelecer alianças na luta pelas melhorias do sistema de ensino e de melhores condições de trabalho.*

Esta questão é discutida por Martin-Barbero (2007) quando diz:

*Estamos diante da possibilidade histórica, não só tecnológica, mas também cidadã, de renovar radicalmente a rede política da interculturalidade tecendo redes que enlaçam cada dia mais o mundo dos artistas e trabalhadores culturais com o das instituições territoriais e das organizações sociais. Vamos necessitar disto, pois só densificando e potencializando ao máximo o tecido dos atores sociais e institucionais de nossas culturas, e criando pelo mundo alianças mais amplas possíveis, que poderemos fazer frente à ofensiva de desmobilização política e instrumentalização cultural que a globalização do medo e as novas indústrias da segurança já têm empreendido.*  
(BARBERO, 2007, p.22)

A história contada é uma pequena mostra de como tem sido tecida a relação de usuários/professores/pesquisadores por meio do Jornal Eletrônico, subvertendo as relações entre usuários e artefatos culturais e estabelecendo diferentes *usos* no campo da tecnologia, por ser um Jornal de *uso* livre e de divulgação científica; no qual novas relações, entre a escola e a universidade são trançadas, cada um contribuindo com ações curriculares diversas para que essa rede se expanda, possibilitando que os envolvidos conheçam, discutam e teçam as múltiplas práticas presentes no cotidiano que ocorrem *dentrofora* das escolas.

### **Referências Bibliográficas**

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FILÉ, Walter (Org.). *Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal - lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MARTIN-BARBERO, Jésus. *Diversidad en convergencia*. Seminário Internacional sobre diversidade cultural. Brasil, 27-29 de junho 2007.

[http://www.cultura.gov.br/blogs/diversidade\\_cultural/wp-content/uploads/2007/07/diversidadenconvergencia\\_barbero.pdf](http://www.cultura.gov.br/blogs/diversidade_cultural/wp-content/uploads/2007/07/diversidadenconvergencia_barbero.pdf)